



EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE JOHN DEWEY: TEORIA E PRÁTICA EM ANÁLISE

Samuel Mendonça
Doutor em Educação (UNICAMP)
Bolsista Produtividade do CNPq
Professor da PUC/Campinas
Email: samuels@gmail.com

Felipe Alves Pereira Adaid
Mestre em Educação (PUC/Campinas)
Email: felipeadaid@gmail.com

RESUMO: O conceito de experiência é nuclear para se discutir a relação entre teoria e prática, assim, esse artigo discute os conceitos de experiência e de educação na perspectiva de John Dewey, sem esgotar, evidentemente, estes que podem ser considerados eixos fundantes de sua filosofia da educação. Sendo assim, a pergunta que melhor exprime o trabalho é: como a relação entre teoria e prática se dá no pensamento de John Dewey? O trabalho foi realizado, do ponto de vista do método, por meio de revisão bibliográfica, com destaque específico para a obra *Experiência e Educação* do teórico norte americano. No contexto do pensamento deweyano, justifica-se a perspectiva pragmatista como referencial teórico, adotando Charles Pierce e William James como autores. Em que pese a preocupação de John Dewey com a experiência docente e sua influência na tentativa de uma ressignificação da relação entre o educador e o educando, visando à construção de uma nova forma de educação, o legado deixado por Dewey se mostra bastante atual, mesmo suas obras datando de mais de setenta anos.

PALAVRAS-CHAVE: Dewey, educação, experiência, prática.

ABSTRACT: The concept of experience is core to discussing the relationship between theory and practice, then, this article discusses experience and education conceptions in the John Dewey meaning not intending thus exhaust the possibilities discussions of the topic. Thus, the question that best summarizes the work is how does the relationship between theory and practice take place in John Dewey's thinking? With regard to the methodology to bibliographic review, which means that the search will be made from documentary research, dealing with explicit texts in the references, especially highlighting the work of John Dewey, *Experience and Education*. Since it is the development of Dewey's thought, the theoretical framework will be pragmatism, based on Charles Pierce and William James. Despite his preoccupation with teaching experience and its influence on attempt at a redefinition of the relationship between the educator and learner, seeking to construct a new form of education, the legacy of Dewey shows enough current, even his works dating more than seventy years.

KEYWORDS: Dewey, education, experience, practice.

Introdução

O presente artigo discute os conceitos de experiência e de educação na perspectiva de John Dewey, sem esgotar, evidentemente, estes que podem ser considerados eixos fundantes de sua filosofia da educação. O conceito de experiência é nuclear para se discutir a relação entre teoria e prática. Sendo assim, a pergunta que melhor exprime o trabalho é: como a relação entre teoria e prática se dá no pensamento de John Dewey? O trabalho foi realizado, do ponto de vista do método, por meio de revisão bibliográfica com destaque específico para a obra *Experiência e Educação* do teórico norte americano. No contexto do pensamento deweyano, justifica-se a perspectiva pragmatista como referencial teórico, adotando Charles Peirce e William James como autores. Em que pese a preocupação de John Dewey com a experiência docente e sua influência na tentativa de uma ressignificação da relação entre o educador e o educando, visando à construção de uma nova forma de educação, o legado deixado por Dewey se mostra bastante atual, mesmo suas obras datando de mais de setenta anos.

Refletir acerca da concepção de educação é fundamental neste trabalho e, por isto, justifica-se o ensaio na dimensão da filosofia da educação, na medida em que este campo teórico se fundamenta na busca de justificativa e fundamentação conceitual. Neste sentido, a busca conceitual elucida a construção e elaboração de teorias educacionais, algo que John Dewey fez com competência em seu tempo histórico, tanto que ele é um dos mais importantes teóricos deste campo, com boa exploração entre pesquisadores brasileiros¹. Em outras palavras, pensar sobre a teoria educacional representa delimitar objetivos que deverão ser cumpridos na tentativa de melhorar a educação, neste caso, melhorar no sentido de eleger aspectos que possibilitem a sua compreensão, no mínimo. Paradoxalmente, a construção teórica para o campo educacional propriamente dito não pode preterir a dimensão da realidade, da concretude

¹ É preciso reconhecer o trabalho de educadores brasileiros que estudam o pensamento de John Dewey de forma sistemática, com publicações relevantes sobre o autor estadunidense. Marcus Vinícius da Cunha da Universidade de São Paulo, *campus* de Ribeirão Preto, Pedro Pagni (2007) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Pesquisa Filho, *campus* de Marília, Leoni Maria Padilha Henning (2015) da Universidade Estadual de Londrina e Claudio Almir Dalbosco (2017) da Universidade Passo Fundo. Cabe observar que esses pesquisadores da filosofia da educação são conhecidos por suas publicações e por atuação no GT Filosofia da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, ANPEd. Não se trata, neste ensaio, de recuperar escritos desses autores, mas, reconhecê-los como referências em textos sobre John Dewey é, no mínimo, questão de honestidade intelectual. A obra *Desafios para a Educação Democrática e Pública de Qualidade no Brasil de Nobre e Mendonça* (2016), com prefácio de Pedro Pagni, atualiza o pensamento de Anísio Teixeira demonstrando a importância do pensamento de John Dewey para a educação brasileira.

e, mesmo que se adote uma perspectiva crítica, a hipótese de construção de fundamentos deve levar em consideração a dimensão da prática educacional. Assim, o conceito de experiência desenvolvido pelo filósofo norte americano será a grande baliza deste ensaio, embora se reconheça que outros pesquisadores brasileiros já tenham feito esforços na direção de elucidar este conceito.

Do ponto de vista formal, esse artigo está estruturado em quatro momentos. Discutem-se, brevemente, os conceitos de educação, filosofia e filosofia da educação em John Dewey. Em seguida, apresentam-se aspectos da obra *Experiência e Educação* do pensador estadunidense, enfatizam-se, em seguida, questões relativas ao conceito de experiência, para, justamente, desenvolver aspectos relativos à teoria e prática no pensamento de John Dewey, na busca de resposta à pergunta do artigo.

Educação, filosofia e filosofia da educação em John Dewey: questões propedêuticas

Pensando na questão da necessidade de se equilibrar teoria e prática que a retomada do pensamento de Dewey se justifica. Dada sua preocupação com a experiência docente e sua influência na tentativa de uma ressignificação da relação entre o educador e o educando, visando à construção de uma nova forma de educação, o legado deixado por Dewey se mostra bastante oportuno, embora suas obras datem de mais de setenta anos, suas ideias e críticas continuam sendo atuais.

A educação pode ser pensada como um dos aspectos mais importantes da cognição humana. Por este processo, ao homem é possível apreender noções comuns e inerentes às peculiaridades de seu grupo social. A capacidade de pensar torna o homem capaz de refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, desta forma lhe é fornecido a capacidade de transformar a natureza ao seu redor e se transformar. O próprio radical da palavra educação já é tautológico, dado que descende do verbo latino *educere*: “conduzir para fora, fazer sair, intimar, produzir, exaltar, elevar, criar” (DICIONÁRIO ACADÊMICO, 2008, p.154). Neste sentido, Biesta completa o sentido etimológico ao asseverar que:

A educação, seja a educação de crianças, a educação de adultos, seja a educação de outros 'recém-chegados', é afinal sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor: mais completa, mais harmoniosa, mais perfeita – e talvez até mais humana. (BIESTA,

2013, p.16)

A ideia de intervenção é central para se pensar o conceito de educação; afinal, espera-se que, por meio de intervenção do outro, alguém possa ser educado. É evidente que se pode ponderar sobre a autoeducação e a suposta distância do outro neste processo, no entanto, sabe-se da necessidade antropológica do homem de desenvolver enquanto tal e a mediação de outro homem como condição da humanização e, por certo, da educação.

Destarte, seja por meio da raiz clássica etimológica seja por meio da concepção de Biesta (2013), a educação aponta para um caráter de emancipação² e transformação do indivíduo. O que significa dizer que é por meio dela que se torna possível uma formação crítica e consciente. Em um cunho mais filosófico, a educação capacita o indivíduo a refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, vindo a ser sujeito ativo de seus atos e não mero coadjuvante. Sendo assim, dotado desta ferramenta libertadora, na medida em que o educando se torna capaz de ressignificar, surge um novo ser, melhor e mais evoluído, num processo de metamorfose.

O conhecimento filosófico se coloca como grande arcabouço na tentativa de melhor entender o problema da questão da educação. Neste sentido, de acordo com Severino (2000), em seu texto *A Filosofia da Educação no Brasil; esboço de uma trajetória*, o lugar natural, da expressão da Filosofia da Educação é o do discurso elaborado por aqueles pensadores que pretendem estar construindo uma teoria filosófica explícita sobre a educação, tal como é feito por pessoas ou grupos que assumem intencionalmente a educação como objeto de estudo e de reflexão.

Ao observar a acepção formal de educação, qual seja, aquela relativa às instituições de ensino e às práticas pedagógicas, se observa a importância de se voltar para as questões teóricas e, em seguida, delimitar objetivos viáveis que possibilitem sua implementação. Em outras palavras, a reflexão sobre a problemática da educação aponta para a importância de se voltar para os fundamentos filosóficos, mas sem esquecer sua

² Na perspectiva de Adorno, “emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação.” (ADORNO, 1995, p. 143). O mesmo autor continua seu raciocínio asseverando que “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela.” (ADORNO, 1995, p.143)

utilidade prática e seu propósito com a realidade da experiência educacional. Nesta trincheira, Dewey acrescenta que:

A filosofia sempre se constituiu vinculada a uma intenção pedagógica, formativa do humano. E a educação, embora se expressando como uma *práxis* social, nunca deixou de referir-se a fundamentos filosóficos, mesmo quando fazia deles uma utilização puramente ideológica. (DEWEY, 2011, p.07)

Cabe enfatizar que são as palavras de Dewey que autorizam a reflexão sobre o sentido da intenção pedagógica que aponta para a dimensão filosófica. Em se tratando da filosofia da educação, Dewey (2007) a define como a teoria generalizada da educação. Ao classificar a filosofia como um modo de pensar, que, como todo raciocínio, tem sua origem naquilo que é incerto no conteúdo da experiência, visando localizar a natureza da perplexidade e elaborar hipóteses para que sua explicação seja testada na ação. O pensamento filosófico se diferencia pelo fato de as incertezas com que lida serem encontradas nos diversos objetivos e condições sociais, consistindo em um conflito de interesses organizados e reivindicações institucionais. Como a educação é o processo que permite que a necessária transformação seja alcançada e não permaneça como mera hipótese acerca do que é desejável, chega-se a uma justificação para o enunciado de que a filosofia é a teoria da educação como prática deliberadamente conduzida. A filosofia da educação, compreendida como teoria generalizada da educação, cuida justamente da compreensão filosófica da educação e é necessária à compreensão do educador, em quaisquer níveis de ensino.

Passa-se a explorar o contexto de John Dewey e aspectos da obra *Experiência e Educação* de John Dewey.

Contexto de John Dewey e a obra *Experiência e Educação*: análise preliminar

Tanto no campo da Pedagogia como na Filosofia, muito se tem publicado a respeito das críticas e ideias de John Dewey³. Este levantamento básico evidencia, de

³ Um levantamento realizado em junho de 2014 revelou 181 teses e dissertações defendidas cuja temática trate de John Dewey (BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES, 2014). Ademais, em análise quantitativa de artigos científicos, no mesmo período, no Scielo, 59 trabalhos foram publicados entre o ano de 2000 e 2014, em revistas da área de educação no Brasil (SCIELO, 2014). Destaca-se ainda a importante comentadora de John Dewey, Lyinda Stone, membro da John Dewey Society, como referência internacional legitimada por pares.

pronto, a atualidade do pensamento de John Dewey. Atualmente considerado um dos grandes expoentes do pensamento pedagógico, nasceu em 1859, nos Estados Unidos, em um contexto histórico bastante turbulento. Suas ideias libertárias e democráticas⁴ se contrastavam ao emergente desenvolvimento industrial e a um mundo pouco preocupado com a educação e com a formação das crianças.

De acordo com Cunha (2007), mais do que um intelectual de destaque nas áreas de filosofia e educação, Dewey foi um autêntico ativista social, tanto no estrito espaço acadêmico como fora dos muros da universidade. Aceito como um dos fundadores da escola pragmatista⁵, viu na educação um campo privilegiado para a experimentação de noções filosóficas sobre o homem e o conhecimento, na argumentação de Carlesso e Tomazetti.

Nas obras de Dewey é possível encontrar um pensamento progressista sobre educação e de grande relevância sempre que se suscitar a palavra mudança neste âmbito. Dewey foi precursor de um trabalho que merece ser revisitado pela riqueza de contribuições que traz a uma nova possibilidade de ensino, principalmente ao enfatizar seu caráter de formação humana, integral pautada na conexão entre vida e educação. Sua obra, datada do início do século XX, serve como ponto de referência para muitos teóricos atuais, justamente por discutir questões polêmicas que assolam a educação no contexto contemporâneo. (CARLESSO; TOMAZETTI, 2006)

Dewey foi um pensador tão visionário que mesmo hoje, mais de sessenta anos após sua morte, muitas de suas ideias continuam a causar resistências entre os

⁴ Em Dewey, a afirmação da democracia é a proposição de um programa de luta, é um projeto cujo propósito é desencadear atitudes de mudança, transformação, movimento (CUNHA, 2001).

⁵ Em um dos esboços mais embrionários a respeito do pragmatismo, Peirce, criticando o pensamento racional cartesiano, assevera que “[...] o mecanismo da mente só pode transformar conhecimento, mas nunca originá-lo, a menos que alimentado com factos da observação” (PEIRCE, 1975, p.27). Ademais, ainda em relação ao pragmatismo, na perspectiva do conceito de William James: “O termo deriva da mesma palavra grega *práigma*, que significa ação, do qual vêm as nossas palavras *prática* e *prático*. Foi introduzida pela primeira vez em filosofia por Charles Peirce, em 1878, em um artigo intitulado *Como tornar claras nossas ideias*, em *Popular Science Monthly* de janeiro daquele ano. Peirce, após salientar que nossas crenças são, realmente, regras de ação, dizia que, para desenvolver o significado de um pensamento, necessitamos apenas determinar que conduta está apta a produzir: aquilo é para nós o seu único significado, e o fato tangível na raiz de todas as nossas distinções de pensamentos, embora sutil, é que não há nenhuma que seja tão fina ao ponto de não resultar em alguma coisa que não seja senão uma diferença possível de prática. Para atingir uma clareza perfeita em nossos pensamentos em relação a um objeto, pois, precisamos apenas considerar quais os efeitos concebíveis de natureza prática que o objeto pode envolver – que sensações devemos esperar daí, e que reações devemos preparar. Nossa concepção desses efeitos, seja imediata, seja remota, é então para nós, o todo de nossa concepção do objeto, na medida em que essa concepção tenha afinal uma significação positiva.” (JAMES, 1967, p.40)

educadores mais tradicionais. Por outro lado, determinados aspectos de sua obra se mostram bastante claros para outros leitores⁶. E, diante deste paradoxo, faz-se necessária a retomada de sua obra, cabendo a seus leitores utilizá-lo como ferramenta crítica, uma vez que seus escritos, sobretudo o texto *Experiência e Educação*, constitui uma ponte entre o pensamento abstrato da filosofia da educação e a prática, que remete ao título deste texto: Teoria e prática no pensamento educacional de John Dewey.

Em *Experiência e Educação*, John Dewey trata da nova escola, relativa à educação progressiva, numa dicotomia à chamada escola tradicional. No primeiro capítulo, o autor apresenta as principais características que deveriam nortear este novo modelo educativo, comparando-o com o velho modelo escolar e apontando suas principais diferenças. De acordo com Dewey (2011), o principal objetivo da educação tradicional é preparar o jovem para futuras responsabilidades, enquanto que a educação progressiva enfatiza a individualidade como *leitmotiv* da formação das pessoas. Assim, o educador progressista está atento a cada educando, observando suas características na tentativa de aperfeiçoar suas qualidades. Ademais, a formação crítica é outra grande característica desta nova educação⁷. A preparação para a discussão entre teoria e prática, objeto do artigo, é clara já nesta construção do primeiro capítulo da referida obra.

No segundo capítulo, o autor defende a importância da experiência no processo de educação. Contudo, Dewey (2011) adverte que tudo depende da qualidade das experiências, algumas experiências são deseducativas, uma vez que impedem ou limitam as possibilidades para novas experiências. Em que consiste, pois, a experiência para o filósofo? Não se trata de qualquer experiência por ele valorizada, mas, justamente, aquela segundo a qual modifica o *status* dos protagonistas envolvidos. Pode-se chamar, portanto, de experiência significativa. Castigos e exposições vexatórias

⁶ A respeito das escolas de hoje cita-se Lynda Stone: “Even a quick look at the tropic connection of democracy and schools, and indeed of actual presence today, reveals a somber picture. It is one in which seemingly less and less democracy exists now than in the past. For example, consider how much time is spent on achievement testing about which teachers and their students have little or no say. Consider conventional school governance, hierarchically if not autocratically ordered, in the hands of ham-strung administrators with little representation for those not in charge. Consider the diminished role of student government and indeed the virtual absence of youth autonomy and choice over daily lives in schools. Consider the all-too-familiar recognition that some few are members of and attend school board meetings, and most parents and community members do not participate. If schools are places where democracy ought to matter, as training grounds for and exemplars of larger and more comprehensive democratic societies, one wonders how such societies flourish at all.” (STONE, 2007)

⁷ De acordo com Dewey (2011), a nova educação não deve ignorar os problemas que podem surgir a partir de sua filosofia. Ao passo que a educação tradicional se baseia na transmissão dos conhecimentos do passado, cita o autor, “temos que investigar como o fato de conhecer o passado pode ser traduzido em um instrumental poderoso para lidar efetivamente com o futuro, podemos rejeitar o conhecimento do passado como um fim da educação e, assim, apenas enfatizar sua importância como meio.” (DEWEY, 2011, p.25)

deliberadas pelos educadores não deixam de ser experiências educativas, porém, na perspectiva de Dewey, constituem um processo deseducativo, na medida em que inibem o educando, reprimindo-o e impossibilitando que ele progrida de forma natural, criativa e livre. A experiência por ele defendida tem caráter propositivo, construtivo.

Já no terceiro capítulo, Dewey (2011) retoma a importância da experiência, retomando a importância do educador se atentar à individualidade dos educandos e criticando a concepção da educação tradicional no que tange a formação intelectual. O autor também acrescenta que o conhecimento doutrinado pelos velhos educadores pouco possibilita os educandos para as experiências no mundo real, dado que as matérias escolares são ensinadas de forma insulares, ou seja, não fica evidente a relação entre as disciplinas e o fato de que o conhecimento é um só. Diz o autor:

O ensino isolado não prepara os alunos para as experiências do mundo real. Quase todos nós já tivemos a oportunidade de recordar os dias de escola e de nos perguntar o que foi feito do conhecimento que deveríamos ter acumulado durante aquele tempo e por que tivemos que aprender de forma diferente as habilidades técnicas que adquirimos para podermos alcançar nossa capacidade atual. Certamente tem sorte aquele que não precisou desaprender o que aprendeu na escola para progredir profissional e intelectualmente. (DEWEY, 2011, p.49)

Observa-se aqui a forte crítica a um saber que não articula a teoria e prática, objeto deste artigo. O pano de fundo da perspectiva educacional de Dewey é a preparação para a vida, por isso, a constante preocupação com o avanço profissional e intelectual do educando.

Na sequência, no capítulo quarto, o autor trata especificamente a respeito do controle social, defendendo a importância da liderança docente dentro da sala de aula e a grande diferença entre a violência ditatorial nas escolas tradicionais e o controle que deveria ser realizado, a partir dos princípios da escola nova. Conforme aponta Dewey (2011), o controle social não necessariamente restringe a liberdade individual, sendo assim, não interfere no satisfatório desenvolvimento educacional e criativo. É importante que, sobretudo, as crianças vejam o professor como um líder, que irá estabelecer regras e delimitar condutas.⁸

⁸ “Até as crianças aceitam um líder, contanto que ele não seja um ditador. Além disso, não é necessário que essa diferença seja formulada em palavras, pelo professor ou pelo aluno, para que seja sentida na

O capítulo quinto conta com uma breve discussão sobre a questão da liberdade e importância de seu desenvolvimento e manutenção nas experiências em sala de aula. De acordo com Dewey (2011), a liberdade dos educandos se liga diretamente à necessidade do educador conhecer seus educandos e ter contado com suas realidades e experiências. O professor, então, que prefere uma aula silenciosa e organizada jamais conseguirá conhecer seus alunos⁹. Os educandos precisam se sentir confiantes para expressar suas ideias e opiniões de forma crítica, por meio da contínua prática que se estabelece a partir de teorias. É por meio dessa dinâmica que, segundo o pensamento deweyano, a criança e o adolescente irá aprender o momento certo de falar. Sem embargo, Dewey ressalva que a liberdade excessiva também é prejudicial:

No entanto, não pode haver erro maior do que tratar tal liberdade como um fim em si mesmo. Assim tratada, ela tende a ser destrutiva das atividades cooperativas compartilhadas, que são o recurso normal da ordem. Dessa forma, a liberdade, que deveria ser um aspecto positivo da condição humana, passa a ser algo negativo. (DEWEY, 2011, p. 66)

No capítulo seguinte, intitulado O significado do propósito, o autor retoma a questão da liberdade e discute a dinâmica relação educando-educador. Conforme acentua Dewey (2011), a função do professor é identificar as oportunidades e tirar vantagem delas. Considerando-se que a liberdade reside nas operações inteligentes de observação e no julgamento adequado para o desenvolvimento de um propósito, a orientação dada pelo professor para o exercício da inteligência de seus alunos é um incentivo à liberdade, e não uma restrição.

Sequencialmente, no capítulo sétimo, discorre-se de maneira mais profunda sobre a organização progressiva das matérias e os conteúdos curriculares na perspectiva da nova escola. Dewey (2011), então, divide em dois princípios fundamentais para delimitar suas inovadoras ideias a respeito da educação. Em primeiro lugar, o conteúdo das matérias deve derivar das experiências comuns da vida, o que está ligado de imediato com a importância da experiência. O segundo princípio estabelece que os conteúdos das matérias de estudo devem ser desenvolvidos progressivamente de acordo

experiência. É pequeno o número de crianças que não sentem a diferença entre ação motivada pelo poder pessoal e o desejo de impor ordens e a ação justa, voltada para o interesse de todos.” (DEWEY, 2011, p.56)

⁹ A respeito da liberdade, Dewey assevera que “sem sua existência é praticamente impossível para um professor conhecer os indivíduos com o quais ele está lidando. Silêncio forçado e aquiescência impedem os alunos de mostrarem sua real natureza e criam uma uniformidade artificial que coloca o parecer antes do ser.” (DEWEY, 2011, p. 64)

com a maturidade do aluno. É interessante notar que o pano de fundo da organização curricular estabelece, continuamente, a ligação constante entre teoria e prática, aliás, não há separação possível entre estes dois processos, na perspectiva de John Dewey.

Por fim, no último capítulo, Dewey (2011) conclui retomando a importância da experiência para educação e daquela em relação à vida em sociedade, sendo que ambas se relacionam na medida em que formam – transformando e emancipando – indivíduos para vida em sociedade¹⁰. Todavia, o autor põe em relevo que a grande dificuldade para o progresso desta nova educação seria a falta de confiança dos educadores, a qual, possivelmente estaria ligada ao comodismo e ao medo de ousar.¹¹

Diante da retomada desta obra de John Dewey, a partir da escola pragmatista, fica evidenciada a dicotomia estabelecida pelo autor entre a escola tradicional e a escola progressiva, esta fundada na revalorização da relação entre educador e educando, na formação crítica, bem como na maneira de se educar. Assim, releva-se como fundamental a relação entre *experiência* e *educação*, que se materializa, em última instância, na relação entre teoria e prática. Entretanto, como se dá a experiência para o filósofo estadunidense?

A retomada do conceito de experiência em John Dewey

O conceito de experiência para Dewey representa a própria vivência do educando e seus reflexos no processo de aprendizagem. O pensamento deweyano aponta, então, para a própria questão da idiosincrasia dos indivíduos. Por mais que possa parecer óbvio ao educador contemporâneo, cada criança é um ser único, construída – e em constante transformação – por meio de seu contexto social, sua cultura e os valores morais. Essa construção é nutrida na contínua articulação entre teoria e prática ou, em outros termos, entre experiência e educação. Neste sentido, os aspectos que lhe são ensinados introjetar-lhe-ão cada um a sua maneira, ou seja, cada

¹⁰ Sobre a questão da sociedade: “Dewey’s concept... both the community of the classroom and the Great Community that is to be society, is built on communication, participation, and association. His vision of democracy welcomes plurality and diversity and rejects barriers that divide and exclude. Accepting the spirit of Dewey’s vision, we are challenged to attend to whatever diminishes the growth of a democratic society.” (STONE, 2007)

¹¹ “Por ser tão confiante nas potencialidades da educação quando tratada como desenvolvimento inteligentemente direcionado de possibilidades inerentes às experiências cotidianas, não sinto necessidade de, aqui, criticar o outro caminho possível, nem de argumentar a favor da escolha pelo caminho da experiência. A única possibilidade de fracasso na escolha desse caminho reside, a meu ver, no perigo de que a experiência e o método experimental não sejam adequadamente concebidos.” (DEWEY, 2011, p.94)

criança ou cada jovem irá absorver o que lhe é ensinado de uma forma singular, com base nas experiências que já teve.¹²

Os educadores tradicionais não consideram as necessidades e capacidades individuais dos alunos. O problema da educação tradicional¹³ não foi o fato de os educadores serem responsáveis por proporcionar o ambiente, mas o de não levarem em consideração a capacidade e os propósitos de seus alunos. Partiam da pressuposição de que certas condições eram intrinsecamente desejáveis, independentemente de serem capazes de estimular certa qualidade de resposta nos indivíduos. (DEWEY, 2011, p. 46)

Neste sentido, assevera Dewey (2011) o quão é comum, ao recordar os dias de escolas, se perguntar o que foi feito do conhecimento que se deveria ter acumulado durante aquele tempo e por que se teve que aprender de forma diferente as habilidades técnicas que se adquiriram para poder alcançar a capacidade atual. Certamente tem sorte aquele que não precisou desaprender o que aprendeu na escola para progredir profissionalmente e intelectualmente. Tais questões não podem ser descartadas com a afirmação de que as matérias não foram realmente aprendidas. Quando se pergunta o que foi feito do que se aprendeu ou para onde foi o que se aprendeu, possivelmente a resposta seria que ainda está lá, no compartimento fechado em que foi originalmente armazenada.

Quando não existe uma relação entre o que se está sendo ministrado em aula e as experiências anteriores, as informações se tornam insulares e não fazem sentido. Novamente, é a relação teoria e prática que legitima a construção do conhecimento. Ou seja, quando o educador, durante a aula, não se preocupa em conhecer seus educandos para aproximar a matéria ministrada dos conhecimentos que as crianças já têm, o processo de aprendizagem se torna mais difícil. Não há dúvidas de que, numa perspectiva deweyana, uma aula de história, por exemplo, que é dada numa escola da periferia para alunos pobres, será diferente da aula dada numa escola de bairro nobre para alunos ricos.

Quando a educação é concebida em termos de experiência, uma consideração se destaca em relação às demais. Tudo o que possa ser

¹² “Ninguém questionaria o fato de que uma criança que mora na favela tem uma experiência diferente de uma criança que mora em um lar de uma família de classe média culta; que a criança da zona rural tem um tipo de experiência diferente em relação ao tipo de experiência da criança da zona urbana, ou que um menino do litoral tem experiências diferentes das de um menino do sertão.” (DEWEY, 2011, p.40)

¹³ “Pelo fato de os estudos da escola tradicional serem constituídos por matérias selecionadas e organizadas com base no que os adultos julgavam ser úteis para o jovem em algum momento no futuro, o conteúdo a ser aprendido encontrava-se fora da experiência de vida presente do aluno. Consequentemente, esse conteúdo a ser aprendido tem a ver com o passado, pois era aquilo que era considerado útil no passado.” (DEWEY, 2011, p.78)

considerado como matéria de estudo, seja aritmética, história, geografia ou qualquer uma das ciências naturais, deve derivar de materiais que, originalmente, pertençam ao escopo da experiência da vida cotidiana. Nesse aspecto, as propostas educacionais mais atuais se diferenciam radicalmente dos processos pedagógicos que se iniciam a partir de fatos e verdades que se encontram fora do âmbito das experiências vivenciadas pelos alunos e que, por isso, enfrentam o problema de ter que descobrir meios de relacioná-los com tais experiências. (DEWEY, 2011, p.75)

Nesse diapasão, completa o autor dizendo que de nada adianta a maturidade do professor, bem como seu vasto conhecimento acerca das matérias e dos indivíduos se ele não os mobiliza para criar condições que conduzam à atividade comunitária e para a organização que exerça controle sobre impulsos individuais, pelo simples fato de todos estarem envolvidos em projetos coletivos. O conhecimento técnico deve se voltar para o mundo da vida, necessariamente, por isso, a articulação necessária entre teoria e prática.

Ademais, Dewey (2011) acrescenta que também é importante o desenvolvimento progressivo do que já foi experimentado, a fim de apresentá-lo de forma mais ampla e rica e também de forma mais organizada, ou seja, uma forma que gradualmente se aproxima daquela em que os conteúdos das matérias de estudo são apresentados para as pessoas mais habilitadas e mais amadurecidas.

Mas será que a mera observância do contexto social dos alunos seria suficiente para uma efetiva melhoria? Será que o simples fato do professor relacionar sua matéria com as experiências vividas pelos alunos já seria suficiente para por em prática uma metodologia efetivamente progressista? É possível, que se utilizando destas práticas, o processo de aprendizagem minimamente se torne mais fácil, mas mesmo assim não é suficiente para se pensar uma verdadeira resignificação da educação.

Não é demais dizer que uma filosofia educacional que declare ter como base a ideia de liberdade possa se tornar mais dogmática do que a educação contra a qual, no entanto, procura reagir. Qualquer teoria, bem como qualquer conjunto de prática, pode tornar-se dogmática se não tomar como base o exame crítico de seus próprios princípios fundamentais (DEWEY, 2011). Uma vez que de nada adiantaria se preocupar apenas com a forma com que se ensina se esta não for feita de forma dialogada, o menos dogmática possível. Onde educador e educando se coloquem, igualmente, como ativos e passivos no processo de educação¹⁴.

¹⁴ “O que estas observações indicam é que os princípios gerais da nova educação por si só não resolvem nenhum dos problemas de condução concreta ou prática e da direção das escolas progressivas. Ao contrário, apresentam novos problemas que precisam ser solucionados com base em uma nova filosofia

A educação, para Dewey, tem em sua gênese a característica de ser uma contínua reorganização e reconstrução da experiência e, só é possibilitada por meio da reflexão, a qual permite-nos *desvendar* os conhecimentos necessários para dirigir-nos com mais segurança às experiências futuras. (CARLESSO; TOMAZETTI, 2006, grifo dos autores)

As críticas desferidas por Dewey ao pensamento tradicional da educação causaram grande polêmica em seu tempo, passados mais de sessenta anos de sua morte, suas ideias continuam dando causa a discussões efervescentes nas academias. Porém, ao analisar seu pensamento pragmático a respeito da educação e a grande importância que deu à experiência, será possível dizer que sua teoria inovadora é, de fato, praticável? Em outras palavras, será possível pensar na escola progressiva enquanto possibilidade à educação? Ou seria seu pensamento, embora muito influente e pertinente, demasiadamente utópico?

Teoria e prática no pensamento de John Dewey

O pensamento deweyano é apontado como utópico, na opinião de alguns autores, por exemplo, Karl Mannheim¹⁵ (*Apud.* CUNHA, 2001). Contudo, pode-se dizer que esse posicionamento é equivocado no sentido de que suas afirmações são quiméricas e fantasiosas, distantes da possibilidade de serem colocadas em práticas. Conforme Cunha (2001), Dewey viveu em um período conturbado da história estadunidense, em meio às crises econômicas e os períodos bélicos, o pensador da pedagogia via na educação um caminho para uma sociedade mais igualitária e justa para todos. Sua aposta na democracia e nos valores liberais contribuiu para alterar a ordem vigente.

O leitor pode argumentar, por fim, que a filosofia deweyana, situada nos dias atuais, é ideológica, não utópica. Seguindo a visão do próprio Dewey e tomando os termos de Mannheim, o liberalismo e o socialismo-comunismo tiveram um destino comum: tendo um dia sido utopias, tornaram-se mais tarde ideologias, ideários conservadores ou

da experiência.” (DEWEY, 2011, p.24)

¹⁵ “Entre os muitos significados atribuídos às expressões ideologia e utopia, irei nortear-me neste livro [John Dewey – A utopia democrática] pela reflexão de Karl Mannheim, para quem o conceito de ideologia diz respeito a formulações pelas quais certos grupos dominantes obscurecem, para si e para os demais, a condição real da sociedade, contribuindo assim para a estabilidade da ordem social existente. O pensamento utópico, por sua vez, é caracterizado por conter uma perspectiva de transformação das condições sociais dadas e por estar sempre em oposição de desencadear condutas contrárias à realidade imediata, constituindo, desse modo, um instrumento em favor da superação da ordem social vigente.” (CUNHA, 2001, p.15)

contra-utopias. (CUNHA, 2001, p.113)

Em sua obra John Dewey – a utopia democrática, Cunha (2007) irá concluir que o sentido utópico que se desenvolve o pensamento deweyano se aproxima muito mais de uma constituição ideológica. Sabendo-se que Dewey foi um pensador muito a frente de seu tempo, suas críticas utópicas para a sociedade aterrorizada pelos reflexos da guerra, tornaram-se plausíveis e palpáveis apenas nos tempos hodiernos. Sendo assim, nas próprias palavras de Cunha (2007), a utopia democrática de John Dewey, como qualquer outra, pode tornar-se uma ideologia, sim, mas pode também erguer-se ao patamar das profecias.

A discussão sobre a praticidade e possibilidade de aplicação das ideias de Dewey se encerra na medida em que sua obra já surtiu seus efeitos em influenciar a educação tradicional de sua época e continua a gerar debates ainda hoje. De sorte que, pouco importa que a escola nova seja, em sua plenitude, possível. O que importa é continuar a pergunta para cada educador: qual educação se quer e qual educação se tem? Em outras palavras, ao educador resta, em primeiro lugar, refletir sobre as teorias e críticas filosóficas a respeito da educação e, em seguida, tão logo se desprender do discurso, pondo em prática sua experiência na relação com seus educandos.

Considerações Finais

Com base nas ideias de John Dewey, pode-se concluir que o conceito de educação aponta, em última análise, para uma relação harmônica entre educando e educador, onde ambos se apresentam como ator e coadjuvantes do processo de aprendizagem. Se o problema formulado na introdução desse texto consistiu na pergunta: como a relação entre teoria e prática se dá no pensamento de John Dewey?, fica evidente que a articulação entre a experiência e educação justifica a aproximação entre teoria e prática, justamente na medida em que interessa ao educador promover o ensino de algo que faça sentido para a vida do cidadão, para a vida profissional do aluno, no futuro. É este o ideal da educação de Dewey que se apresenta como pano de fundo para responder à pergunta do artigo, no sentido de demonstrar que é a experiência significativa, aquela segundo a qual implicitamente contempla a relação teoria e prática, que fundamenta o pensamento educacional de John Dewey.

O educador não é apenas aquele que ensina, mas é também aquele que apreende

e quer apreender mais, enquanto o educando não é apenas aquele que aprende, mas também aquele que ensina, mesmo sendo saber que o faz. Esta relação de aprendizado que parte de sujeitos comprometidos com o saber tem a disposição teoria e prática como baliza na concretização de um conhecimento que parte da experiência mas se realiza na teoria.

Outrossim, o pensamento deweyano também aponta para a importância do ensino crítico e participativo. O estudante não é apenas um receptáculo de conhecimento, o educador deve favorecer meios para que o educando consiga chegar a suas próprias conclusões. Sendo assim, nenhuma matéria deve ser ensinada de forma dogmática e derradeira, sempre haverá espaço para a argumentação e a dúvida e, novamente, a dimensão de correlação entre teoria e prática, manifestada pela experiência que fundamenta a educação.

A vinculação entre educação e prática se torna bastante evidente em sua obra, na medida em que o conhecimento abstrato requer a experiência como ponte para se concluir o processo de aprendizagem. Dewey discute que a mera explanação de uma matéria, totalmente desvinculada da prática, representa um conhecimento inútil, pois não faz relação com a experiência de vida. Ao passo que quando o conhecimento é vinculado com outros conhecimentos, de forma transdisciplinar, juntamente com a experiência, o educando consegue apreendê-lo melhor e de forma mais crítica.

Em suma, a concepção de Dewey revela a importância da filosofia enquanto instrumento na busca por uma ressignificação da educação. Destarte, utilizando-se da filosofia da educação como ferramenta na construção desta nova educação, progressiva, é possível cogitar novas possibilidades de torná-la realidade. Sendo assim, muito embora a educação tenha mudado bastante desde a época em que Dewey publicou sua obra, ainda há muito que refletir e discutir visando seu aperfeiçoamento; afinal, o principal desafio para quem lida com a educação é, por certo, viabilizar a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acessado em 20/03/2014.
- BIESTA, G. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro*

humano. São Paulo: Autentica, 2013.

CARLESSO, D.; TOMAZETTI, E.M. Educação como Reconstrução da experiência: uma possibilidade educativa na educação contemporânea. In *Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências Anais/ II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências*, 27 a 29 de setembro de 2006. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/044e4.pdf> >. Acessado em 15/02/17.

CUNHA, M.V. *John Dewey: a utopia democrática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

CUNHA, M.V. John Dewey: filósofo, educador e ativista social. In: DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

DALBOSCO, C.A. Educação como reconstrução da experiência. *Rádio Planalto*. Disponível em: < <http://rdplanalto.com/noticias/22237/educacao-como-reconstrucao-da-experiencia> >. Acesso em: 05/04/2017.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

_____. *Democracia e educação*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

DICIONÁRIO ACADÊMICO. *Latim-Português; Português-Latim*. Porto Editora: Porto, 2008.

HENNING, L.M.P. *Notas sobre a experiência qualitativa em Dewey*. Revista Filosofia e Educação, v.7, n.2. jun/set. p. 47-74. 2015.

JAMES, W. *Pragmatismo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Lidaador, 1967.

NOBRE, J.A.; MENDONÇA, S. *Desafios para a Educação Democrática e Pública de Qualidade no Brasil*. Curitiba: Appris, 2016.

PAGNI, P.A.; SILVA, D.J. (org.). *Introdução a filosofia da educação: temas contemporâneos e história*. Campinas: AVERCAMP, 2007.

PEIRCE, C. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCIELO. Disponível em <<http://scielo.br/>>/ Acessado em 15/02/17.

STONE, L. Speculation on a missing link: Dewey's Democracy and Schools. In *Journal of educational Controversy*. Disponível em < <http://www.wce.wvu.edu/resources/cep/ejournal/v003n001/a027.shtml> >. Acessado em: 15/02/17.

SEVERINO, A.J. A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI JUNIOR, P. (org.). *O que é filosofia da educação?* 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.